Concerto 6
Antena 2 | Auditório Vianna da Motta da ESML |
PortugalSOM
17 JUNHO 2024
19h

- Programa -

. *Quarteto de Cordas n.º 2, op. 27, em Lá menor*
Joly Braga Santos (1924 – 1988)

1. Largo – Allegro moderato
2. Adagio molto

Quarteto Tágide

Vicente Sobral | primeiro violino
Ana Sofia Faria | segundo violino
Raquel Agostinho | viola d'arco
Inérzio Macome | violoncelo

. *Instantes* | Marta Domingues
para Electrónica

. *O Encontro Inesperado do Diverso* | Mariana Vieira
para Electrónica

. *Mise en page #2* | António Sousa Dias (1959)
para quinteto e electrónica

Laboratório de Música Mista José Luís Ferreira da ESML

Bruna Pinto | flauta
Henrique Fialho | clarinete
Ana Sofia Faria | violino
Maria Francisca Marques | violoncelo
Antonio Narciso | piano
Mattia Giusteto | electrónica
Luís Vieira | direcção

Coordenação geral:
Departamento de Audiovisuais da ESML,
Som ao vivo:
Sérgio Henriques
Som da emissão:
Antena 2
Meios de transmissão:
Serviços de informática e comunicações do IPL

. Quarteto de Cordas n.º 2, op. 27, em Lá menor

Joly Braga Santos (1924 – 1988)

Notas de programa

“Não me considero compositor, mas sim inventor de música.”
(Joly Braga Santos)

Foi há cem anos, em 1924, que nasceu Joly Braga Santos. É um dos mais incontornáveis compositores portugueses do século XX, tendo sido marcado pela influência dos mestres Luís de Freitas Branco e Virgílio Mortari, em Lisboa e em Roma, respetivamente.

Reconhecido pela monumentalidade e lirismo ímpar das suas obras orquestrais, a sua obra divide-se, sensivelmente, em dois grandes períodos. O primeiro, marcado por uma linguagem modal, lírica e mais tradicional, apresenta influências do canto gregoriano e música renascentista, bem como da música tradicional portuguesa. A riqueza do modalismo português, nomeadamente do folclore alentejano, é paradigmática na sua obra. A partir dos anos 60, a sua linguagem expandiu-se, em resposta às correntes predominantes europeias, tornando-se mais cromática, densa e menos melódica.

É neste panorama que surge o Quarteto de Cordas n.º 2 em Lá menor, op. 27, composto em 1957, sendo uma obra presente no catálogo *PortugalSom*. Enquanto obra de música de câmara, revela um carácter mais intimista de um compositor por excelência orquestral, que procura transportar essa sonoridade para a formação de câmara. Apesar do ano de composição, a obra apresenta maioritariamente elementos modais e líricos, sendo evidente a sua predileção pela melodia e harmonias de quartas e quintas. É constituído por três andamentos, dos quais serão apresentados neste concerto os dois primeiros.

No primeiro andamento, o violoncelo inicia o quarteto, sozinho, com entradas sucessivas dos restantes instrumentos, construindo um ambiente frio e misterioso que, após se dissipar, dá lugar ao fluido e *cantabile Allegro moderato*, com estrutura ABAB'. Este é marcado por um tema lírico e modal sobre um ostinato de semicolcheias que se mantém omnipresente durante toda a secção A e é transferido sucessivamente entre os outros instrumentos. A secção B, marcadamente mais rítmica e com muitas intervenções em *pizzicato*, apresenta um tempo mais vivo. Esta dissolve-se novamente no tema já reconhecível da secção A. O andamento conclui, depois, numa breve reiteração do carácter da secção B.

O segundo andamento (ABCDE) inicia com um *Adagio molto*, novamente com o violoncelo solo, que os violinos e a viola complementam numa textura horizontal e estática de harmonias paralelas. A conversa entre violoncelo e os outros instrumentos dá lugar a um *Andante com moto* marcado por um ostinato rítmico na viola e *pizzicatos* no violoncelo, sobre os quais o violino desenvolve um tema marcadamente modal muito *cantabile*. Após um *Adagio* mais cromático e menos transparente harmonicamente, o andamento apresenta novamente a textura inicial (*Tempo Primo*) numa secção com invocações cromáticas, em que os violinos são acompanhados por *pizzicatos* dos instrumentos graves. Conclui, finalmente, com um *Andante com moto* mais rítmico e vivo.

O Quarteto Tágide surgiu em 2021 na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação de Irene Lima. Enquanto grupo, conta com a participação em masterclasses com mentores como Evan Rothstein, Mihai Cochea, Andrew Atkinson, Oyvor Volle, Meagan Milatz, Varoujan Bartikian, entre outros. Foram, também, orientados pelo Sonoro Quartet, rising stars da European Concert Hall Organisation (ECHO) na temporada 2023/24.

Em 2023, apresentaram-se em vários palcos em Lisboa, com destaque para performances no Festival Estoril Lisboa, no MusicEd IPL, e em representação da Orquestra Sem Fronteiras.

Tem como missão aproximar o público da performance, procurando explorar a riqueza do repertório nacional e internacional existente para esta formação. Por outro lado, procuram aproximar o trabalho em Música de Câmara em Portugal do público mais jovem, tendo-se apresentado e partilhado o seu testemunho com os alunos do Instituto Gregoriano de Lisboa e da Academia de Música de Santa Cecília.

Recentemente, foram premiados no I Concurso Nacional Cidade do Montijo Música de Câmara e foram apurados para as fases presenciais da 37.ª edição do Prémio Jovens Músicos, atualmente a decorrer.

. Instantes | Marta Domingues, para Electrónica

Notas de programa

Instantes procura ser um leque de momentos de introspecção. Percepção do corpo, do mundo, do tempo. “Ouve-me com o teu corpo inteiro.”, pede a Clarice. O texto de Clarice Lispector, retirado de “Água Viva” (adaptado), é lido por Tiago Boto, Nuno Veiga, Juliana Campos, Sara Marita e também por mim. O material sonoro que dá vida à peça provém maioritariamente destas vozes, sendo que toda a narrativa construída tem o propósito de servir em absoluto o texto, sendo em episódios em que a própria palavra é som, ou em episódios em que o som serve a palavra de um modo quase madrigalesco. Esta peça é ainda o resultado de um leque de influências de diversos compositores que inspiram o meu trabalho. Particularmente Annette Vandegorne, na forma como compõe a voz e o texto, e a sua investigação sobre o espaço como parâmetro musical expressivo na música acusmática; Jaime Reis, na sua procura de polifonia de gestos e movimentos espaciais; Elizabeth Anderson cujas texturas complexas das peças “Les Forges de l'Invisible”, “Solar Winds” e “...and Beyond” surgem na minha peça como um sustento da narrativa de Lispector. E ainda Luciano Berio, que em “Visage” nos dá a conhecer a voz com uma verdadeira musicalidade.

. O Encontro Inesperado do Diverso | Mariana Vieira, para Electrónica

Notas de programa

Peça livremente inspirada nos escritos de Maria Gabriela Llansol, onde convergem personagens de diferentes épocas e realidades. Interessou-me explorar a interação entre gravações de campo e samples recolhidos numa improvisação feita com um sintetizador modular, modificada através de processos como micromontagem. Formalmente, a peça está organizada em quatro momentos de texturas contrastantes.

. Mise en page #2 | António Sousa Dias (1959) para quinteto e electrónica

Notas de programa

Mise-en-page #2 resulta do desejo de expandir para uma obra para ensemble e electrónica, os materiais electrónicos da obra do mesmo nome, composta em 1990. Este projecto, que ficou “na gaveta” durante mais de trinta anos, foi possível concretizar graças ao desafio do Ensemble DME, através de Jaime Reis.

A expansão dos materiais, originalmente realizados nos estúdios dos Ateliers UPIC, foi alargada à inclusão de outros materiais e uso de técnicas que fui elaborando ao longo dos anos, mantendo, contudo, ligação com a proposta inicial, um estudo de momentos, de justaposição de páginas - assim se chamavam as diferentes visualizações no UPIC -, onde acontecimentos dialogam e cedem o lugar a outros acontecimentos, ilhas nos oceanos dos sons, como um contraponto em forma de nevoeiro.

A. Sousa Dias

Laboratório de Música Mista José Luís Ferreira

A prática do Laboratório de Música Mista destina-se a desenvolver competências no domínio da performance da música mista (de repertório ou composta por estudantes de composição especificamente para o grupo), improvisação e experimentação. A música mista pode ser definida como a junção do meio acústico com o meio electroacústico, mais concretamente: a combinação de um ou mais instrumentos acústicos com sons criados, processados ou reproduzidos electronicamente. O Laboratório de Música Mista foi criado pelos professores José Luís Ferreira e Carlos Caires, sendo atualmente orientado pelo professor Jaime Reis.